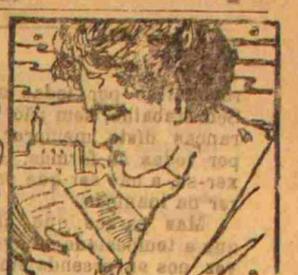




A AURORA



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país, acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Wacel Barbosa*

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

CONTRA A GUERRA

Manifesto dos Anarquistas de Londres

A Europa em chamas, dez milhões de homens em luta na mais horrível carnificina que a história tem registado, centenas de milhões de mulheres e crianças em pranto, a vida económica, intelectual e moral de sete grandes povos brutalmente suspensa, a ameaça cada vez mais grave de novas complicações militares,—tal é há cinco meses o penoso, angustioso e odioso espectáculo que o mundo civilizado nos oferece.

Mas espectáculo esperado, ao menos pelos anarquistas.

Porque para eles nunca houve nem há dúvida alguma—os terríveis acontecimentos de hoje fortalecem esta convicção—de que a guerra está em permanente gestação no organismo social actual e de que o conflito armado, restricto ou generalizado, colonial ou europeu, é consequência natural e resultante necessária e fatal dum regime que tem por base a desigualdade económica dos cidadãos, assenta sobre o antagonismo selvagem dos interesses e coloca o mundo do trabalho na estreita e dolorosa dependência duma minoria de parasitas, detentores ao mesmo tempo do poder político e da força económica.

A guerra era inevitável: donde quer que viesse, havia de estalar. Não é em vão que há meio século se preparam febrilmente os mais formidáveis armamentos e se aumentam cada vez mais os orçamentos da morte. Não é aperfeiçoando constantemente o material de guerra, aplicando confiantemente todos os espiritos e todas as vontades para a melhor organização da máquina militar, que se trabalha pela paz.

Por isso é ingénua e pueril, depois de ter multiplicado as causas e ocasiões de conflitos, procurar estabelecer as responsabilidades d'este ou daquele governo. Não há distinção possível entre as guerras ofensivas e as guerras defensivas. No conflito actual, os governos de Berlim e Viena justificaram-se com documentos, não menos autênticos do que os governos de Paris, Londres e Petrogrado. Estes e aqueles apresentam á compita os documentos mais indiscutíveis e decisivos para provar a sua boa-fé e parecer immaculados defensores do direito e da liberdade, campeões da civilização.

A civilização! Quem é então que neste momento a representa?

Será o Estado alemão com o seu militarismo formidável e tam poderoso que sufocou toda e qualquer veleidade de revolta? Será o Estado russo, cujos meios áucos de persuasão são o knut, a força e a Sibéria? Será o Estado francês com Biribi, as sangrentas conquistas do Tonquim, Madagascar, Marrocos, com o recrutamento forçado das tropas negras; a França que mantém nas suas prisões, há anos, camaradas nossos culpados apenas de escritos e discursos contra a guerra? Será a Inglaterra, que explora, divide, esfomeia e oprime as populações do seu imenso império colonial?

Não. Nenhum dos beligerantes tem o direito de falar em nome da civilização, como nenhum tem o direito de se declarar em estado de legítima defesa.

A verdade é que a causa das guerras, da que ensanguenta actualmente as planícies da Europa, como de todas as que a precederam, reside unicamente na existência do Estado, que é a forma política do privilégio.

O Estado nasceu da força militar; desenvolveu-se servindo-se da força militar, e é ainda na força militar que ele logicamente se deve apoiar para manter a sua omnipotência. Seja qual for a forma por elle revestida, o Estado não é senão a opressão organizada em proveito duma minoria de privilegiados. O conflito actual ilustra isso de maneira frisante: acham-se empenhadas na guerra presente todas as formas do Estado—o absolutismo com a Rússia, o absolutismo mitigado de parlamentarismo com a Alemanha, o Estado reinando sobre povos de raças mui diferentes com a Austria, o regimdemocrático constitucional com a Inglaterra e o regime democrático republicano com a França.

A desgraça dos povos, que eram entretanto todos profundamente afeiçoados á paz, é terem tido confiança no Estado com seus diplomatas intrigantes, na democracia e nos partidos políticos (mesmo de opposição, como o socialismo parlamentar), para evitar a guerra. Esta confiança foi intencionalmente enganada, e iludida continua a ser quando os governos, com o auxilio de toda a sua imprensa, persuadem os povos respectivos de que esta guerra é uma guerra de libertação.

Somos absolutamente contra qualquer guerra entre povos; e nos países neutros, como a Itália, onde os governantes pretendem lançar ainda novos povos na fogueira guerreira, os nossos camaradas tem-se oposto e continuarão a opor-se á guerra com a maior energia.

O papel dos anarquistas, seja qual for o lugar ou a situação em que se encontrem, na tragédia actual, é continuarem a proclamar que há apenas uma guerra de libertação: a que em todos os países é feita pelos oprimidos contra os opressores, pelos explorados contra os exploradores. O nosso papel é chamarmos os escravos á revolta contra os seus amos.

A propaganda e a acção anarquistas devem aplicar-se com perseverança a enfraquecer e desagregar os diversos Estados, a cultivar o espirito de revolta e a provocar o descontentamento nos povos e nos exércitos.

A todos os soldados de todos os países que creem combater pela justiça e pela liberdade, devemos explicar que o seu heroísmo e valentia só servirão para perpetuar o ódio, a tirania e a miséria.

Aos operários da fábrica deve-se lembrar que as espingardas que elles tem agora nas mãos foram empregadas contra elles nos dias de greve e de legítima revolta, e que depois hão de tornar a servir contra elles para os obrigar a sofrer a exploração patronal.

Aos camponeses deve-se mostrar que, após a guerra, mais uma vez terão que se curvar sob o jugo e continuar a cultivar a terra dos seus senhores e a sustentar os ricos.

A todos os párias, que não devem largar as armas antes de ter ajustado contas com os seus opressores, antes de ter tomado para si a terra e a officina.

A's mães, companheiras e filhas, vítimas dum aumento de miséria e privações, mostremos quais são os verdadeiros responsáveis pelas suas dores e pela chacina de seus pais, filhos e maridos.

Devemos tirar proveito de todos os movimentos de revolta, de

todos os descontentamentos, para fomentar a insurreição, para organizar a revolução, da qual esperamos o termo de todas as iniquidades sociais.

Nada de desánimo—mesmo ante uma calamidade como a guerra actual!

E' em períodos tam turvos, em que milhares de homens dão heroicamente a vida por uma idea, que devemos mostrar a esses homens a generosidade, a grandeza e a beleza do ideal anarquista; a justiça social realçada pela organização livre dos produtores; a guerra e o militarismo para sempre suprimidos, a liberdade plena conquistada pela destruição total do Estado e dos seus organismos de coacção.

Viva a Anarquia!

PELA PAZ

Os revolucionários sociais do Ferrol convidam os socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias para um congresso internacional contra a guerra, a celebrar-se naquelle concorrido porto espanhol, nos dias 30 de abril, 1 e 2 de maio.

Propõe-se a seguinte ordem do dia meios mais rápidos de fazer terminar a actual conflagração; meios a empregar no futuro para evitar a repetição do monstruoso crime, desarmamento geral.

Esta decisão vem ao encontro do voto formulado em Pisa pelos anarquistas italianos, que como dissemos em 14 de Fevereiro, desejavam uma reunião internacional para combinar uma acção harmonizada contra a guerra e fazer uma afirmação de principios.

Os camaradas promotores devem ter estudado bem as grandes dificuldades d'este empreendimento. Embora Ferrol não seja no polo sul e esteja bem situado, é preciso contar com a actual escassez de comunicações e de recursos, com a falta de tempo e com a época de reacção governamental.

E tem aquelles camaradas uma idea clara e precisa sobre a utilidade pratica das resoluções a tomar? Tem propostas concretas? Contam com adesões importantes e numerosas? Poderá ter ao menos um começo de execução a boicotagem imperial dos países beligerantes, a que aludem no seu apelo?

Não queremos com isto desanimar ninguém, nem objectar a impossibilidade de ou inutilidade da iniciativa; queremos apenas provocar explicações e reflexões.

Adá que isso ficasse numa tentativa frustrada, entendemos que o esforço não seria de todo vão. E' preciso ter fé no esforço proprio; ter empenho em vencer as dificuldades; e demais, o que sobretudo urge neste momento é afirmar principios, marcar uma orientação, proclamar o mais altamente possível uma vontade, o sentido, a direcção dos nossos esforços. Não são só as vitórias completas que dão frutos.

Mais impraticáveis nos parecem, por exemplo, as utopias democráticas formuladas na conferência celebrada em Londres pelos socialistas intervencionistas dos países Aliados. Como se dirigissem a guerra e decidissem a paz, declaram guerrear apenas os governos, não querer conquistas e pretender que as populações mexidas pela força disponham de si. Querem a libertação dos povos por meio da guerra entre Estados e dizem que a vitória dos aliados deve ser a vitória da liberdade dos povos, da unidade, independência e autonomia das nações, na Federação pacifica dos Estados Unidos da Europa e do mundo.

E' isto, porém, falta de espirito pratico? Talvez. Mas é em todo caso, para o partido socialista, uma afirmação necessária do seu ideal democrático.

Centro Instrutivo de propaganda Libertaria

Convidau-se todos os socios a reunir, hoje, pelas 10 horas da manhã, para se tratar de assuntos de muita importancia para a vida do Centro.

Espera-se que, ao contrario de costume, ninguém falte.

Tempestade iminente

Enquanto nas possessões africanas soldados abatidos pelo cansaço, desesperados pelas longas marchas, vítimas pelo desleixo e pela imatidão dos seus superiores, umas vezes com fome, outras com sede e ainda outras desfazendo-se em agua por um calor asfixiante—defendem um pano bicolor, com um desenho no centro, que dizem ser o simbolo de uns tantos metros quadrados de terreno estatelados no extremo occidente da Europa, nas regiões altas e da politica desbocada impéria e bofetão, desenvola-se a scena insultuosa, caem varados a tiro, disparados por mãos misteriosas, homens eminentes na vida triste dos empenachados.

Dolorosa situação! Guerra nas colónias, a bater um suposto invasor, guerra na politica, esta já crónica, guerra na Galícia, fardela dos Dardanelos, invasão da Asia, queda imminente de Constantinopla, e, mais pavoroso ainda, guerra de todos contra o povo produtor. Ora isto é que me bole com os nervos. Que os politicos esmurrassem as sagradas ventas uns aos outros, que o incendio devorasse somente as casas dos ricos; que só os filhos destes, para pagarem as asneiras dos pais, partissem para a guerra e sofressem as consequências dela, vá, não seria muito razoavel, mas, contudo, sempre passava mais. Mas não vejo isso; vejo que quem mais sofre com as hecatombes sociais, preparadas pelos outros, é o trabalhador, esse eterno paspalhão que, se umas vezes me merece lastima, outras desejava dar-lhe com um landreiro, para aprender a ter juizo.

Todos se armam contra elle; todos se preparam para o roubar. Os rumores dos lesados não preocupam os de cima, que se investem, e o unico papel que elles têm de seguir é a sua intervenção imediata em tudo. Essa intervenção, a continuar, este deploravel estado de coisas, talvez não demore muito. Assisto a uma época profundamente histórica e anormalíssima tétrica. De um lado estão os politicos famigerados, os guerristas, os mercetiros, os açambarcadores; do outro, os desocupados, os rastos, os que têm fome.

Dar-se-ha a colisão? Talvez. Daqui a pouco, como em 93 em França, as estradas são passeadas por colunas de esfomeados, mendigando ou assaltando. Os motins succeder-se-ão uns após outros; o fogo lançado a tudo o que á multidão pareça inutil crepitará ovente; a aglomeração á porta das câmaras municipais e a entrada por elas dentro, impetuosa e assustadora, para esfrangalhar os códigos, causar o assombro e a desorientação nos dirigentes autoritários; os celeiros, os armazens, os depósitos, serão varridos, como por enxaneto, por milhares de braços.

E' a tempestade iminente; é a explosão popular, terrível, justiciera, destruidora, purificante, justificada, que arremessará a toda a parte os seus elementos de vingança. Derruirá tudo ao peso das imprecações; e mais uma vez, decerto, quererão os causadores desta desgraça iludir o povo com promessas de mais liberdade, com uma protecção mais ampliada, com um respeito até então desconhecido, com uma seriedade inexcusavel, impeccavel, parecendo anular todos os erros passados, para entrarem numa nova fase evolutiva, cheia de amor, de ca-

rinhos, de equidade... Assim como certos batalhões costumam, na guerra, arvorar a bandeira inimiga para fazer o inimigo cair numa emboscada, assim os tartifios procurão, nesse momento, mostrar-se amigos e repênsos para ludibriar os incautos.

Mas os verdadeiros revolucionários, chegado essa occasião psicologica, opor-se-ão a essas pretensões, desfazendo as falsas doutrinas e pondo a nu os seus rufins propósitos. Naturalmente, virão, como sempre, com a mostra de um parlamentarismo com funções mais amplas e liberas; com uma representação vastamente popular; com uma maior ou menor descentralização de poderes; com o apregoamento de uma sã moralidade nas eugrenagens administrativas; com a diminuição sensivel de impostos; com leis absurdas que pretendam como que encerrar em si disposições que garantam uma espécie de socialização de riquezas; Mas elles já sabem o que tudo isso representa e o que tudo isso vale. Ainda não lhes fugiu da memória o que leram a respeito das promessas da burguesia, antes da sua escalada ao poder, o que valeu empalmar habilidosamente a revolução. Não são assim tão falhos de memória. Mas ainda que o fossem bastavam as coisas recentes para lhes aclarar a questão. O momento é dos mais criticos, tragicos, cheio de enigmas; e, apesar disso, o que faz o governo? Nada. Nem outra coisa era de esperar. Sendo a sociedade politico-burguesa uma constante anomalia de factos e o predominio do mais forte sobre o fraco; assentes os seus alcances, já carcomidos, na mais retinta violência, no desencadear perene da guerras de toda a ordem, a solução do problema da crise de nossos dias e a repressão dos abusos inclassificaveis do mercetiro e do industrial não está adentro dos moldes politicos. Supór o contrario, é um erro crasso.

A entrega das espadas dos officiais do exército, a indisciplina saída daquelles que têm por missão—dizem, embora o não compreenda—velar pela disciplina social, para derribar o governo transacto, não foi devido á falta de trigo nem á incompetencia dos governantes a esse respeito. A manifestação dos officiais, num dos ultimos dias, feita ao novo governo, entre as palmas e vivas dos parvos, não foi uma demonstração de força para prevenir o poder executivo de que há fome nos rastos, de que há falta de trabalho, abusos, açambarcamento, pretextos, miséria, muita miséria, e que os projectos decretados com força de lei para regulamentação dos géneros de primeira necessidade são letra morta, que servem de divertimento aos commerciantes, e que, por consequência, vinham covardar, serenamente, o governo para não os obrigar pelas armas, a tomar providências energicas. Não teve essa orientação, porque a não podia ter. O espirito dessa manifestação era o da regalia do voto, o da intervenção do exército na politica, talvez a criação de um partido militar.

Toda essa bulha que para aí há é motivada pelas eleições, por os de cima estarem agora por baixo, pela birra da abertura e não abertura do arcabuz parlamento, coisas sem importancia para as aspirações populares.

Feridos em cheio os interesses do povo, este só tem o dever de